



A construção simbólica da identidade mineira no telejornal da Rede Minas¹

Christina Ferraz MUSSE²

Mila Barbosa PERNISA³

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora – Minas Gerais

Resumo: O objetivo deste trabalho é investigar qual é a representação do mineiro construída nas reportagens, entrevistas e notas do telejornal *Jornal Minas*, da Rede Minas de Televisão, uma emissora pública de comunicação. Pretende-se saber se a identidade narrada no telejornal é influenciada pela tradição, em especial da literatura, ou se é uma identidade que desqualifica o caráter regional, privilegiando o perfil pasteurizado do cidadão global, ou ainda, numa terceira possibilidade, se o jornalismo da emissora pública opta pela construção de uma identidade que incorpora a diversidade de Minas, o estado que tem o maior número de municípios no Brasil. Também se procura identificar a influência do projeto político partidário de governo na construção da identidade e na representação do espaço público.

Palavras-Chave: telejornalismo; Rede Minas; identidade; mineiridade; mito.

Introdução

A centralidade da televisão na construção da identidade do brasileiro tem sido objeto da investigação de diversos autores. Histórias e personagens da teledramaturgia povoam o imaginário do espectador. Repórteres e apresentadores de TV ocupam o lugar de fala antes destinado aos pais, professores e conselheiros do homem comum. A complexidade do dia a dia é domesticada pela linguagem coloquial e direta do locutor, que não só explica, mas também de certa forma faz com que o cidadão tenha acesso a um repertório de sons, imagens e informações que lhe possibilitam se sentir incluído no convívio público. No Brasil, a televisão aberta cria o laço social (WOLTON, 2006) e faz com que as pessoas se reconheçam na telinha e na vida.

Neste artigo, nosso objeto de estudo é o *Jornal Minas*, telejornal da Rede Minas, emissora do governo do estado de Minas Gerais. Pretendemos investigar qual é o mineiro representado no telejornal e se a representação deste mineiro é capaz de gerar vínculos de pertencimento. Nossa primeira hipótese é a de que o programa, mantendo um discurso mais conservador, procure na tradição a representação do mineiro “típico”.

¹ Trabalho apresentado ao GP Telejornalismo, no XI Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, com apoio da Fapemig – Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais.

² Professora do PPGCOM/UFJF; musse@terra.com.br.

³ Aluna do PPGCOM/UFJF; mpernisa@gmail.com.



Para isso buscamos identificar nas narrativas literárias quais seriam as principais características construídas pelos autores e que reforçam o mito da mineiridade, apesar de Minas Gerais ter 853 municípios e, por ser central e ter fronteiras com vários outros estados, sofrer influências de várias outras regiões.

Encontrar um grupo coeso e coerente de características que possam identificar o que é ser mineiro (qual a construção simbólica do mineiro) é uma busca que pode tomar vários caminhos. São expressões culturais que, talvez, nos dêem uma ligeira sensação de que a mineiridade é um jeito de ser sem muitas arestas. Podemos conhecer Minas e seu povo por meio da literatura (são inúmeros autores reconhecidos nacional e internacionalmente), da música (compositores também de alcance para muito além das montanhas), da gastronomia (quem não se rende ao torresmo com couve e ao tutu de feijão? Ao queijo e aos doces feitos no fogão de lenha?) e da arquitetura (suas cidades históricas são intenso ponto turístico, com o sino como símbolo e o “purismo” da religião católica, sem sincretismos).

Dentre esses caminhos, escolhemos a literatura para tentar entender a marca identitária dos mineiros. Não por acaso, a literatura é narrativa, como o é o telejornal, objeto específico de nosso estudo. Apesar do texto literário se diferenciar do texto jornalístico, são linguagens que dialogam entre si. A nós nos parece que o texto jornalístico pode reforçar a construção literária do que é ser mineiro. Por serem referências repetidas à exaustão, criam, reforçam e tendem a naturalizar o que entendem como mineiridade.

As narrativas da mineiridade

Desconfiado. Conservador. Tradicionalista. Ensimesmado. Honesto e trabalhador. Pão duro. Religioso. Equilibrado. Tímido. Conciliador. Contador de *causos*. Devagar. Paciente. Essas são algumas das características que “definem” o tipo mineiro. Características que se justificam por uma série de fatores tanto históricos, políticos e econômicos quanto geográficos.

Tentaremos desenvolver uma linha de raciocínio que nos permita traçar e analisar categorias que possam resumir ou mostrar algumas características que são utilizadas repetidamente na literatura (e também apropriadas e reforçadas pela imprensa) para identificar a cultura e o povo do estado mais central do Brasil. Mesmo sabendo que “Minas são muitas”, como Guimarães Rosa escreveu.

É a Mata, cismontana, molhada ainda de ventos marinhos, agrícola ou madeireira, espessamente fértil. É o Sul, cafeeiro, assentado na terra-roxa de declives ou em colinas que européias se arrumam, quem sabe uma das mais tranqüilas jurisdições da felicidade neste mundo. É o Triângulo, avançado, forte, franco. É o oeste, calado e curto nos modos, mas fazendeiro e político, abastado de habilidades. É o Norte, sertanejo, quente, pastoril, um tanto baiano em trechos, ora nordestino na intratabilidade da caatinga, e recebendo em si o Polígono das Secas. É o Centro geográfico, do vale do Rio das Velhas, calcáreo, ameno, claro, aberto à alegria de todas as vozes novas. É o Noroeste, dos chapadões, dos campos-gerais que se emendam com os de Goiás e da Bahia esquerda, e vão até ao Piauí e ao Maranhão ondeantes (ROSA, 1990, p. 74).

Apesar da diversidade encontrada no estado de Minas Gerais (Sul influenciado por São Paulo, Norte influenciado pela Bahia, Triângulo Mineiro, por Goiás, Zona da Mata, pelo Rio de Janeiro, e a região central, com a capital do estado), parece-nos haver um consenso entre os estudiosos da identidade mineira sobre a existência de dois períodos históricos que formam a base do “ser mineiro”. Essa “origem” influenciou e influencia a mente e a imaginação de intelectuais, poetas, cronistas e, por que não, jornalistas, acabando por manter uma série de identificações para o mineiro. O primeiro desses períodos seria o século XVIII, conhecido como o “século do ouro”, e que promoveu intensa vida urbana em torno das minas, nascendo os arraiais, vilas e povoados, que “congregaram indivíduos de várias localidades, níveis sociais, credos e etnias” (ROCHA, 2003, p.59). O segundo seria justamente a decadência desse período, quando as minas começaram a dar sinais de esgotamento, promovendo o deslocamento da população em busca de outras possibilidades de sobrevivência e contribuindo para o processo de ruralização econômico, político e social. Entre esses dois momentos, também nos aparece o movimento dos inconfindentes, marcando, de certa maneira, a transição entre a riqueza e a pobreza da região – momento este muito lembrado nos discursos políticos.

A descoberta, o auge e a crise da mineração: esses três acontecimentos, seus desdobramentos e consequências constituem para nós um dos momentos históricos que nos ajudam a entender, a reconstruir as origens da formação social de Minas e que dão sustentação a um discurso amplamente aceito e envolvente: o discurso da “mineiridade” (ROCHA, 2003, p.66).

Ainda segundo Rocha, “o discurso enraizou-se onde ele mais se fortaleceria: no imaginário social” (2003, p. 295). E é reforçado não só pela História, mas também,



como já dissemos, por poetas e escritores, como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Guimarães Rosa, músicos, como Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes e tantos outros. E também pelo turismo que se vale das visitas às cidades coloniais históricas, da culinária e do artesanato mineiros. O discurso, o valor simbólico, tentam gerar pertencimento. Sabemos, porém, da grande diversidade do estado.

Estudiosos da identidade mineira (Alceu Amoroso Lima, Sylvio de Vasconcelos, Tanya Pitanguy de Paula, Simone Maria Rocha, Maria Arruda, João Antonio de Paula, dentre tantos outros)

comungam da ideia de diversidade, mas apontam para o fato de que aqueles mais interessados por tal discurso [da mineiridade] fazem dele uma espécie de jogo, através do qual fazem pertencer os mineiros, a todos eles – pelo menos no nível discursivo – todas as características, ainda que contraditórias, ambíguas, antinômicas. Quando estudamos o aspecto político é que vemos a força e a apropriação do discurso; quando estudamos literatura, aí também está ele a decantar o verdadeiro “jeito mineiro de ser”. (ROCHA, 2003, p. 296).

O que nos parece é que o imaginário social sobre as características do mineiro permeia a ideia das Minas da região central, onde a mineração prevaleceu e cunhou o estado com ouro e expansão. Viver do passado, das origens, está no imaginário, mesmo agora na atualidade com tanta diversidade econômica, política e cultural do estado. “É curioso observarmos esse descompasso entre a realidade narrada, que parece operar no nível do mito, e a realidade das cidades, cada vez mais espaço da heterogeneidade, da pluralidade e das tensões” (MUSSE; PERNISA, 2009, p.5).

Apontando algumas das características do que seria esse “ser mineiro” percebemos que há a prevalência, apesar da contradição, pela Minas exuberante e dinâmica da mineração – das negociações políticas e da vigilância – e a Minas decadente das fazendas, do isolamento e da pobreza – da austeridade e da avareza. Entre o período áureo e o decadente, houve o marco da Inconfidência Mineira, movimento que trouxe para a população o desejo de liberdade e a rebeldia, como bem afirma Paula:

A luta pela liberdade é o outro componente determinante na constituição do imaginário mineiro. A liberdade, as inconfidências, a rebeldia, o espírito de aventura, o amor à arte, a preservação das festas religiosas com o sentido de religião expressam desejo de expansão, estabelecendo possibilidades de saída do discurso conservador de sentido único (PAULA, 1999, p.22).

A “mineiridade”, ou seja, a formulação de um conjunto específico de valores atribuídos a um grupo (BOMENY, 1994, p.56) pode ser definida como o termo que traduz a conjunção de diversos elementos que constituem um povo tais como apego à tradição, valorização da ordem, prudência, aversão a posições extremistas e, portanto, o centrismo, a moderação, o espírito conciliador; a capacidade de acomodar-se às circunstâncias e, ao mesmo tempo, efetuar transações; a habilidade, a paciência como estratégias para o alcance de objetivos políticos com menor custo.

No início da República, a fragmentação interna da província das Minas já era uma preocupação constante das elites mineiras, o que inspirou a ideia do “mosaico mineiro” (DULCI apud ROCHA, 2003, p.84), composto de zonas bastante diferenciadas entre si e que não apresentavam nenhum centro urbano que as liderasse. “Várias regiões se mantinham isoladas, outras gravitavam em torno de pólos comerciais externos, como os portos do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo” (MUSSE, 2008, p.36). É, neste cenário, que a política mineira visualiza a construção de uma nova capital – Belo Horizonte – como chance de integrar o estado, da mesma forma que os políticos mineiros recorrem aos apelos da “prudência”, “conciliação”, “equilíbrio” e “unidade de Minas” (BONEMY, 1994, p.16) para forjar um imaginário capaz de implantar e ordenar o estado.

A escolha de uma nova capital, planejada e construída na região central do estado, vem garantir um “arranjo” político-econômico, que pretende inserir novamente Minas no circuito do poder em âmbito nacional. Já que, além da crise da mineração, Minas também sofreu a crise do café em fins do século XIX. A introdução da cultura do café no estado tinha dado novo ímpeto à economia mineira pós-esgotamento da mineração, mas com a superprodução cafeeira e a crise do setor, as lideranças políticas e empresariais preocupavam-se com a “perda de substância’ da economia mineira no âmbito nacional” (DULCI, 2004, p.71).

Para Musse (2008), na “gestação” do mito da mineiridade, há uma participação intensa da imprensa, que representaria, também na virada do século XIX para o século XX, os ideais republicanos de construção da Nação, de industrialização e de incremento dos centros urbanos que, no final das contas, serviriam para “auxiliar a legitimação do domínio das elites” (ROCHA, 2003, p.88).

Se a mineiridade foi tratada como um discurso mítico para construir o imaginário do estado, é certo que a diversidade que caracteriza a realidade do território não foi contemplada por essas narrativas.

Nelas, Minas sempre parece estacionada num momento cristalizado da história: é a Minas barroca, das cidades coloniais, do ouro e do diamante, das igrejas, dos tropeiros, do sertão, que surge resgatada nos folhetos de turismo, mas também nas páginas dos cadernos especiais da imprensa escrita, nos textos de teledramaturgia, nas datas comemorativas, em especial aquelas do calendário religioso, em que as imagens das procissões do Senhor Morto ou os tapetes decorados de Corpus Christi têm entrada garantida nos telejornais de rede da mídia televisiva (MUSSE; PERNISA, 2009, p.).

O sentimento da “mineiridade” não é algo natural, mas construído. Aproveitamos, assim, o termo criado por Benedict Anderson (1989), “comunidade imaginada”, para estudar a identidade mineira, ou “mineiridade”, partindo desse mito fundador para a análise da cobertura jornalística do estado de Minas Gerais pela Rede Minas. Segundo Benedict Anderson, “todas as comunidades maiores do que as primitivas aldeias de contato face a face (e, talvez, até mesmo estas) são imaginadas” (ANDERSON, 1989, p.15). Complementando com Musse, “a comunidade, a cidade, a nação, enfim, são produto simbólico, resultado de inúmeras mediações, dentre elas, aquelas pertencentes ao universo do fazer cultural e, neste caso, em especial, dos meios de comunicação” (2008, p.23-24).

O mito na narrativa jornalística

Por que surge o mito? Porque ele é acolhedor, ele conforta, já que simplifica as relações humanas – quando a significação passa a ser literal, sem ambiguidades. (BARTHES, 2003). “O mito não é uma expressão ou uma explicação lógica. Ele é, sim, uma explicação do mundo construída pelas representações coletivas que são transmitidas através das gerações”. (ROCHA, 2003, p. 71). Para Barthes, “*o mito é uma fala*. [...] é um sistema de comunicação, uma mensagem” (2003, p.199). E, portanto, transforma a história em natureza, fazendo com que o discurso mítico nos pareça a ideia original e real daquilo a que se refere.

O mito nada esconde e também nada ostenta: ele deforma; o mito não é uma mentira nem uma confissão: é uma inflexão (BARTHES, 2003, p.221). O mito é uma fala *roubada* e devolvida. E aquilo que volta, a fala restituída, não é exatamente a mesma que foi roubada. Ela não volta para seu exato lugar (BARTHES, 2003, p.217). Ela é ajustada para que permaneça como a verdade das coisas. A realidade passa a ser imaginada, baseada em lembranças do passado, que vai sendo construído e afirmado

como fato original. Portanto, o mito surge baseado em coisas concretas, mas que foram reabsorvidas pela sociedade.

“As construções míticas, ao fornecerem o material para a elaboração das identidades culturais, caracterizam-se por forte logicidade, visível na coerência da sua fala sobre o real e manifesta na integração das partes que as compõem.” (ARRUDA, 1999, p.22-23). O apelo aos mitos fundadores, para Silva (2005), é uma tentativa de fixação de identidades. Tais mitos fundadores criam laços imaginários e unem os componentes da comunidade imaginada.

Um mito fundador remete a um momento crucial do passado em que algum gesto, algum acontecimento, em geral heróico, épico, monumental, em geral iniciado ou executado por alguma figura ‘providencial’, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional. Pouco importa se os fatos assim narrados são ‘verdadeiros’ ou não; o que importa é que a narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação, sem as quais ela não teria a mesma e necessária eficácia (SILVA, 2005, p.54).

Assim, cristaliza-se a ideia do mito, através de sua repetição, retomando a narrativa fundadora sempre que necessário, para garantia de uma estabilidade conhecida e confortadora. “As expressões míticas excluem a multiplicidade das figuras e, mesmo quando se remetem para o conjunto, conseguem considerá-lo apenas na sua totalidade” (ARRUDA, 1999, p.23).

O mito não nega as coisas; a sua função é, pelo contrário, falar delas; simplesmente, purifica-as, inocenta-as, fundamenta-as em natureza e em eternidade, dá-lhes uma clareza, não de explicação, mas de constatação: se constato a imperialidade francesa sem explicá-la, pouco falta para que a ache normal, decorrente da natureza das coisas: fico tranqüilo. Passando da história à natureza, o mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta em sua evidência, e cria uma afortunada clareza: as coisas, sozinhas, parecem significar por elas próprias (BARTHES, 2003, p.235).

Na tentativa de se firmar uma identidade mineira para que o estado voltasse a competir política e economicamente entre os estados brasileiros mais “fortes”, criou-se o mito da mineiridade, reforçado pelas narrativas literárias e jornalísticas. Para Musse



(2008), utilizando-se dos conceitos de Hall, o discurso da mineiridade é o mito fundador do “lugar”, que se opõe ao sentimento tão moderno de “deslocamento” (HALL, 2003). .

Para Ruffato (2011) e Rodrigues (2011), a identidade mineira não é forjada, mas sim são reforçadas características que possam explicar o que seria o mineiro mesmo diante da diversidade cultural do estado e do país. “Até pouco tempo atrás, em São Paulo, por exemplo, o mineiro ganhava prioridade nas vagas de trabalho justamente por conta de um preconceito benéfico de que o mineiro é trabalhador e honesto” (RUFFATO, 2011). Para Arruda, “não deixa de ser curioso que o estado de Minas Gerais, provavelmente o mais diferenciado do ponto de vista interno, produza uma visão regional tão integrada” (1991, p.102). Essa visão teria sua origem ligada ao centro minerador, mas foi sendo apropriada pelos atores sociais, até se transformar no discurso da mineiridade.

Foi, então, a partir dos elementos como posição geográfica, riquezas minerais, múltiplas influências culturais, uma vida rural, modesta e provinciana, que os escritores começaram a construir a imagem dos mineiros, seu estilo de vida, sua personalidade, seu comportamento, enfim, seu estereótipo. Essa imagem ganhou força, foi apropriada e utilizada em vários momentos, perdeu os vínculos com suas origens históricas e sociais, ganhou espaço no terreno da cultura (sobretudo da literatura) e deu forma (a forma mítica) ao discurso que se tornou o “tradutor”, a síntese e essência do mineiro e de sua identidade, o discurso da “mineiridade” (ROCHA, 2003, p.77).

De acordo com Arruda, “[...] Evidentemente, o mito reterá apenas algumas dimensões da realidade e desprezará aquelas que poderiam introduzir ruídos estridentes, dilaceradores da sua harmonia [...]” (1999, 23). Assim, a absorção do imaginário feita pelos políticos, pelos escritores, memorialistas e jornalistas preservam um passado que, talvez, não corresponda à atual realidade do estado, mas que reforça a necessidade de se manter a unidade política mineira.

O telejornalismo como espaço para construção simbólica da realidade: o *Jornal Minas*

Na atualidade, vários autores apontam para uma crise das identidades, aquelas que davam suporte à necessidade do ser humano de criar raízes, sentir-se pertencendo a um grupo, a um território, a uma nação, envolvido inclusive por laços sociais e afetivos. Diante disso e de novos conceitos como desterritorialização, globalização, hibridismo, diáspora, midiaticização, fluidez, é preciso reorganizar os papéis dos atores sociais. Assim sendo, “compreender a atuação dos meios de comunicação neste cenário é fundamental



para o entendimento das novas relações sociais que se instauram na contemporaneidade” (MUSSE, 2008).

É curioso observarmos esse descompasso entre a realidade narrada, que parece operar no nível do mito, e a realidade das cidades, cada vez mais espaço da heterogeneidade, da pluralidade e das tensões. Renato Cordeiro Gomes chama-nos a atenção para a conformação de “novos e imprevisíveis lugares de enunciação”. Segundo ele, “a arena cultural indica um campo de batalha simbólico (das artes e das indústrias da cultura) que, na sua polifonia, faz da cidade o palco de uma guerra de relatos” (GOMES, 2008, p. 181). Nessa arena, a comunicação surge como elemento indispensável de acesso ao urbano, segundo o autor. No entanto, sabemos que nesta arena de relatos, a grande imprensa ainda ganha as batalhas, mas, certamente, com a pulverização da informação, não ganhará a guerra.

Para compreendermos a questão, é interessante que procuremos analisar de que forma as questões mineiras têm sido abordadas no telejornal da Rede Minas, TV pública vinculada ao governo de estado de Minas Gerais, tentando observar como se dão as narrativas em torno de uma identidade dos mineiros, visto que seu *slogan* é “Notícias de Minas aos mineiros”. Baseando-nos no que nos diz Vera França: “Entendemos as práticas comunicativas como lugares de produção de sentido, lugares de repetição e consonância, mas também de rupturas e dissonâncias” (FRANÇA, 2006, p. 10). Dessa forma, estamos propondo analisar as duas edições do *Jornal Minas*, tentando encontrar nos telejornais não a propalada “monofonia” aliada às narrativas da televisão, mas a possibilidade de uma “polifonia”. Podemos falar da TV como uma arena de discursos – lugar onde ecoam e ganham visibilidade os diferentes atores da vida social. Esta constatação, no entanto, não deve obliterar o reconhecimento da dominância de certos discursos (os grupos não falam em igualdade de condições, e empiricamente é possível constatar a presença de falas hegemônicas) – o que, no entanto, não advém ou não é uma característica do meio televisão, mas da própria estrutura social da qual a atividade televisiva faz parte (FRANÇA, 2010, p.28).

Estudar os dois telejornais da Rede Minas é tentar entender se a narrativa jornalística numa televisão pública, isto é, que não é orientada pela lógica comercial, opera na tentativa de: a) confirmar a tradição e o conjunto específico de valores atribuídos ao grupo, tais como apego à tradição, prudência, moderação, paciência, e espírito conciliador (BOMENY, 1994), que singularizariam o mineiro; b) pasteurizar o conteúdo, a imagem e o personagem do mineiro, não o diferenciando em relação a



outros conteúdos, imagens e personagens que caracterizam os telejornais de rede nacional, eliminando o sotaque local e simplificando o consumo do produto; c) contemplar a diversidade, em termos do que ela troca e absorve, mistura e devolve como novo, atuando no sentido de dar voz às minorias, àqueles que, normalmente, permanecem invisíveis.

Será que o *Jornal Minas* dá conta de narrar toda a diversidade cultural do estado, como ele mesmo se propõe no *site* da emissora, ele reforça o mito da mineiridade ou ele não diferencia o mineiro? Afinal, qual é o mineiro representado pela televisão pública do estado?

A Rede Minas é uma TV de caráter cultural e educativo, que há mais de 25 anos forma e consolida valores da sociedade, contribuindo ativamente para a construção da cidadania. A emissora está integrada à política cultural do Estado de Minas Gerais, por meio da Secretaria da Cultura. Suas ações priorizam a inclusão social, cultura, educação, saúde, lazer e respeito ao ser humano, proporcionando a todos o direito à informação com qualidade. É investindo em pessoas e em tecnologia que a Rede Minas cria, a cada dia, condições para que todos os mineiros sejam cidadãos plenos e possam, assim, crescer, se expressar, experimentar, se emocionar e sonhar (<http://www.redeminas.mg.gov.br/institucional/sobre-a-rede-minas>).

A intenção expressa institucionalmente é a de privilegiar a diversidade e o compromisso com a informação de qualidade, isto é, ser o “telejornal que leva aos mineiros as notícias de Minas”:

Muito além das notícias, o *Jornal Minas* busca informar o telespectador e levar aos mineiros as notícias de Minas Gerais. Como um telejornal que pretende estar ao lado do cidadão, esclarecendo fatos e buscando soluções, trata de saúde, educação, cultura e esporte, com entrevistas ao vivo, opinião de especialistas e reportagens especiais (<http://www.redeminas.mg.gov.br/jornal-minas/sobre-a-rede-minas>).

O *Jornal Minas*, no entanto, quando é analisado em suas duas edições diárias (JM1 e JM2), parece contradizer toda a propaganda institucional. Os dois programas vão ao ar de segunda a sexta-feira, com duração de 30 minutos cada (no período analisado, pois desde 27 de junho o JM2 passou a durar 24 minutos), sendo a primeira edição às 12h e a segunda, às 19h. Para efeito deste trabalho, os dias analisados foram 21 de março (segunda-feira), 29 de março (terça-feira), 06 de abril (quarta-feira), 14 de abril (quinta-feira) e dia 22 de abril (sexta-feira) de 2011. É preciso esclarecer que a escolha por esse período se deve ao fato de que o dia 22 de abril era uma Sexta-feira da



Paixão, importante data para os católicos e, por isso, talvez pudesse nos apontar para algum traço mais marcante da mineiridade. Neste artigo, optamos por registrar alguns resultados da pesquisa quantitativa, visto que há limitação de espaço e tempo. Na investigação em processo, aprofundaremos a análise da edição noturna, fornecendo dados qualitativos a respeito da produção do telejornal.

A Rede Minas possui 43 afiliadas, entre TVs educativas e universitárias, abarcando todas as cinco regiões delimitadas por Rocha (2003): Norte, Triângulo Mineiro, Sul, Zona da Mata e Centro. Diante da “declaração” oficial da emissora analisada, percebemos a intenção de criar uma imagem de um veículo de comunicação que cria vínculos com o telespectador, que pretende estabelecer uma relação entre os mineiros, criando uma noção de pertencimento.

Apesar de destacarem que têm o objetivo de mostrar as várias regiões de Minas, em ambos os telejornais, a grande maioria das matérias, no período analisado, é de acontecimentos em Belo Horizonte, ou com apuração feita na capital, de assuntos de viés nacional ou regional ou, ainda, e em menor quantidade, na região metropolitana. De 71 identificações de localidades, 33 foram de Belo Horizonte. Quando o destaque vai para outras regiões do estado, normalmente é por causa de fatos “extraordinários”, como acidentes em estradas, operação da polícia federal, casos de violência, escândalos políticos, fatos inusitados, doenças... Assuntos que poderiam ganhar representatividade em outras localidades como, por exemplo, aumento do uso de “dinheiro de plástico” no varejo, movimento nos cartórios eleitorais por conta do fim do prazo para justificar o não comparecimento nas três últimas eleições, são apurados apenas em Belo Horizonte. O que pode ser uma comprovação de que a capital se mantém como principal referência em qualquer assunto, apesar da diversidade e singularidade de cada região do estado. Também dados da economia mineira poderiam ser usados como gancho para a nota dos indicadores econômicos (que sempre são antecidos com dados da economia nacional ou internacional).

Matérias ao vivo parecem não ser obrigatórias em nenhuma das duas edições, mas há entrevistas em estúdio para aprofundar algum assunto destacado em vts (videoteipes). Curiosamente, a cultura não ganha grande espaço conforme proposto no *site*. Como no imaginário que envolve Minas a cultura é fato marcante, esta é uma observação importante, já que as possibilidades e oportunidades de divulgação das muitas Minas ficam realmente restritas. Onde aparece a diversidade cultural mineira? No período analisado, a cultura ganhou destaque de cunho religioso quando foi exibida



uma matéria em Ouro Preto, região central do estado, sobre as quaresmeiras, árvores típicas das cidades mineiras, de acordo com a reportagem. No texto, a repórter ainda fala que a árvore está relacionada com a tradição católica da quaresma. E nas edições da sexta-feira da Paixão, foram feitas várias matérias sobre a programação religiosa nas cidades históricas principalmente: São João del-Rei, Sabará, Diamantina, mas também a celebração em Juiz de Fora (Zona da Mata), Belo Horizonte e em um distrito de Poços de Caldas (Sul). O encerramento da edição noturna do dia 22 de abril foi justamente um vt mostrando os tapetes produzidos nas ruas de São João del-Rei em celebração à Paixão de Cristo. A chamada da reportagem tem como início: “Na semana santa, arte e religiosidade se misturam...”

De 90 vts, notas secas (notas lidas pelo locutor sem imagens) e notas cobertas (notas lidas pelo locutor cobertas por imagens), oito eram de polícia (sejam notícias sobre acidentes automobilísticos, homicídios, acompanhamento de julgamentos, crimes financeiros, ambientais ou de saúde), 14 eram sobre o governo ou tiveram o governo como fonte (por exemplo, as notas sobre dengue no estado), nove sobre economia e sete sobre saúde. Nessa amostra, não contabilizamos as notas sobre indicadores financeiros, previsão do tempo, esportes e chamadas para outros programas da grade da emissora. Cultura se restringiu a cinco citações (seja em nota ou vts): uma exposição de obras de arte, as quaresmeiras das cidades mineiras, o descaso com o patrimônio tombado em Belo Horizonte, novas atrações do Circuito Cultural da Praça da Liberdade e os tapetes de flores nas ruas de São João del-Rei.

A análise quantitativa feita até o presente momento constata que os principais destaques são para assuntos relacionados à polícia, assuntos do governo (principalmente lançamento de projetos a serem desenvolvidos pelo estado), poucos assuntos ligados a meio ambiente, cidadania ou cultura, grande cobertura dos principais times de futebol mineiros (Atlético e Cruzeiro), concentração de reportagens em Belo Horizonte. Isso nos mostra uma contradição, quando lemos, no *Manual de Procedimentos para o Jornalismo Público*, da Rede Minas, as seguintes orientações:

Para o Jornalismo Público, mais do que estabelecer um receituário de regras rígidas, o desafio é encontrar diferenciais capazes de oferecer alternativas às mesmices de linguagem e agenda editorial, que vêm tornando o telejornalismo tão igual em todas as emissoras. Por isso mesmo, há que se buscar permanentemente a abordagem de temas que dizem respeito à qualidade de vida (meio ambiente, ciência e tecnologia), à promoção da cidadania (prestação de serviços, direito do cidadão, iniciativas populares), aos processos públicos (políticas



públicas, decisões do poder público) e ao enriquecimento cultural, com o enfoque voltado para o interesse público e não exclusivamente para o indivíduo (PASSOS, 2002, p.11).

Num primeiro momento, percebemos que a produção dos telejornais segue a lógica das TVs comerciais, onde o que está em primeiro plano é a audiência. Produzido em Belo Horizonte, com o aporte de emissoras afiliadas nas diversas regiões do estado, o telejornal não contempla a diversidade cultural e nem mesmo se caracteriza por reforçar a narrativa do mito mineiro presente na literatura, que poderia levar a um enquadramento “romântico” e idealizado do cidadão. O que observamos até esta etapa da pesquisa é que há pouco investimento nos dois produtos jornalísticos em termos de inovação de formato e linguagem. Houve algumas modificações nos dois últimos anos, como mudança de cenário, postura e visual das apresentadoras, mais presença de entrevistas ao vivo no estúdio como aprofundamento de alguns assuntos de interesse do cidadão. Mas ao analisarmos a produção telejornalística de uma emissora pública de televisão, seria esperado que encontrássemos um novo modelo de abordagem para conteúdo e formato, que rompessem com a lógica da audiência e do lucro das TVs comerciais, privilegiando uma nova linguagem, e contemplando a diversidade das características de um estado da extensão de Minas Gerais. Até porque a Rede Minas tem 43 afiliadas e poderia dar mais espaço para as diversas vozes do estado. Mas, na prática, apesar do compromisso com a diversidade, a cidadania e a cultura estar na pauta de apresentação do *Jornal Minas*, a produção parece esbarrar em todo o tipo de dificuldade, inclusive infra-estrutural, para construir a representação de um estado mais plural.

Considerações finais

A análise dos telejornais da Rede Minas, até o momento, aponta para a falta de uma representação da identidade mineira como espaço de diversidade e de transformação. Os telejornais também pouco investem numa abordagem histórica ou tradicional do mineiro, numa representação “folclorizada”, que reforçasse o mito, e que era uma de nossas hipóteses. No nosso ponto de vista, seja por simplificação, recursos escassos, infra-estrutura comprometida, equipe reduzida e pouco capacitada, o telejornalismo público de Minas Gerais tem apresentado o modelo mais recorrente das emissoras comerciais, que privilegia os assuntos factuais, com ênfase nas matérias de polícia e de esporte, além de um espaço sempre destinado ao governo do estado, provedor da emissora, e que aparece como instância ordenadora do caos provocado por



acidentes, assassinatos e outras ocorrências que podem ser enquadradas como desvios à normalidade. Não se nota, o que seria desejável, uma abordagem crítica do cotidiano. A produção é também muito centralizada em Belo Horizonte, capital do estado, em detrimento dos outros mais de 800 municípios mineiros. Há pouco espaço para as manifestações culturais, e não se observa uma abordagem inovadora de temas como ciência e tecnologia, apesar do estado ser aquele que tem maior número de instituições federais de ensino superior do país. A presença de matérias de serviço sinaliza no sentido de atender as demandas mais urgentes do cidadão; com as entrevistas de estúdio, há uma tentativa de aprofundamento maior de certos assuntos, mas sem ampliar a discussão efetivamente. Finalmente, não pudemos encontrar referências que contemplem uma representação do mineiro que faça jus à diversidade que impera no estado. De fato, quando se assiste ao telejornal, não há como se identificar, salvo em eventos comemorativos, nenhuma marca identitária que deixe claro tratar-se de um jornalismo feito em Minas Gerais, os registros poderiam ser de qualquer estado do Brasil, o que pode ser considerado mais uma consequência da excessiva centralização na produção de imagens e conteúdos que marcaram a produção telejornalística nos últimos quarenta anos no país. É importante registrar que, ao final do mês de abril de 2011, houve troca de direção na emissora, inclusive no departamento de jornalismo, o que trouxe algumas mudanças positivas de reestruturação da linha editorial, como maior cuidado na abordagem de matérias de polícia. De qualquer maneira, não há ainda como serem mensurados os resultados da mudança administrativa. Nos órgãos públicos, as administrações estão sujeitas à sazonalidade dos mandatos dos chefes do Executivo. As mudanças, em alguns casos, tendem a melhorar o contexto, mas sabemos que, em outros, provocam o abandono de projetos importantes. Esperamos que, na continuidade de nossa pesquisa, possamos colher mais informações relevantes que possibilitem uma interpretação ainda mais completa da interferência do telejornalismo público na conformação da identidade mineira na contemporaneidade e na efetivação de laços de pertencimento junto à população.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. **Mitologia da mineiridade**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.



BONEMY, Helena. **Guardiães da razão** – modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994.

DULCI, Otávio Soares. Juiz de Fora e os dilemas do desenvolvimento mineiro. In: NEVES, José Alberto Pinho; DELGADO, Ignácio José Godinho; OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora: história, texto e imagem**. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004.

FRANÇA, Vera (org). **Narrativas televisivas: programas populares na TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. Da metrópole à cibercidade – cultura e cosmopolitismos. In: _____, MARGATO, Izabel (orgs.). **Espécies de espaços** – territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 179-195.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. Juiz de Fora (MG): Funalfa; São Paulo: Nankin, 2008.

_____. **Telejornalismo e imaginário urbano: a cidade na TV**. Niterói (RJ): UFF, 2008. Anais do Congresso Nacional de História da Mídia.

_____; PERNISA, Mila. **Traços de mineiridade nos telejornais da TV Alterosa e da Rede Minas**. Artigo apresentado ao Intercom – XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

_____; _____. Telejornalismo e diversidade cultural: a TV pública e a construção de identidades. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil** – história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

PASSOS, Marcelo. **Manual de Procedimentos para o Jornalismo Público**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Rede Minas, 2002.

REDE MINAS. <http://www.redeminas.mg.gov.br/institucional/sobre-a-rede-minas>. Acesso em 01 jul. 2011.

ROCHA, Simone Maria. **A “mineiridade em questão”**: do discurso mítico ao discurso midiático. Tese de doutorado. Escola de Comunicação. UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

RUFFATO, Luiz. **Luiz Ruffato**: entrevista [junho 2011]. Entrevistadora: Mila Barbosa Pernisa. Juiz de Fora, 2011.

TIMPONI, Marisa. **Marisa Timponi**: entrevista [maio 2011]. Entrevistadora: Mila Barbosa Pernisa. Juiz de Fora, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ed. Ática, 2006.

